

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O globo

Class.: 61

Data: 27.10.80

Pg.: \_\_\_\_\_

### Antropólogo é contra a emancipação de índios

FLORIANÓPOLIS (O GLOBO) — O antropólogo Sílvio Coelho dos Santos, da Universidade Federal de Santa Catarina, disse ontem que a emancipação dos 624 índios da Reserva Duque de Caxias, em Ibirama (a 230 quilômetros de Florianópolis), interessa mais ao Governo do que aos próprios índios. Acrescentou que, caso o pedido, já encaminhado à Funai, seja atendido, "os silvícolas vão acabar perdendo todo o seu patrimônio".

Por sua vez, o advogado Lourival Buzarello, que patrocina a causa, os índios desejam o fim da tutela da Funai para poder usufruir dos 1.415 quilômetros da reserva, explorando comercialmente a mata virgem, rica em canela e cedro. Mas na verdade a maioria da comunidade está indiferente ao assunto, pois — como diz o líder Lino Nunforo — "aqui, quase ninguém crê em melhora".

#### INDEFINIÇÃO

Morando em pequenos casebres de madeira e desprovidos de qualquer assistência da Funai, os índios não tem planos definidos para o futuro. Alguns pretendem "ficar por aqui mesmo, trabalhando na roça", como o velho cacique Voia Paté; outros, como Vestcha Priprá, acreditam que qualquer lugar será sempre melhor que a reserva.

Essa indefinição geral se explica pelo fato de, dois anos atrás, o Departamento Nacional de Obras e Saneamento (DNOS) ter projetado a construção de barragens para contenção das inundações no Vale do Itajaí, o que vai provocar a ocupação de parte da reserva — cerca de 800 hectares. Logo que a notícia se espalhou, houve uma apressada corrida das madeiras da região em direção à reserva, considerada a maior área de mata ainda virgem na região sul. A cobiça dos madeiros, aliada à penúria dos índios, ocasionou graves conflitos em outubro de 1979, quando a Polícia Federal resolveu intervir, interditando até hoje a venda de madeira.

Heinz Scheidemantel, prefeito de Ibirama, recordou que a área havia se transformado num verdadeiro inferno. Ele contou que as invasões das madeiras vinham sendo feitas de forma suces-

siva, e os índios trocavam centenas de metros cúbicos de canela e cedro (hoje, o metro cúbico de canela custa em torno de Cr\$ 30 mil) por eletrodomésticos — embora não haja luz elétrica na reserva — bicicletas, e muita garrafa de uísque.

— Acostumados a nunca terem nada, é natural que os índios queiram agora a autonomia para poderem vender tudo — afirmou o prefeito, acrescentando que se realmente a emancipação for concedida, "cerca de 70 por cento vão vender a madeira e a terra, e vão acabar pedindo esmola".

#### ABUSOS

Com mais de 20 anos de trabalho na área, o antropólogo Sílvio Coelho dos Santos tem afirmações conclusivas a respeito do assunto:

— Os abusos cometidos pela Funai, sobre o patrimônio dos indígenas de Ibirama, são mais que flagrantes. Os índios simplesmente não suportam mais e resolveram deixar de ser índios.

Caso o pedido de emancipação seja aceito, as conseqüências serão trágicas, segundo o antropólogo.

— Eles estão pensando, bem intencionados que são, que ao abandonar a tutela passarão a ser donos da terra. Ora, tenho plena certeza de que assim como surgiram ecologistas interessados em resguardar pedaços da reserva, em função de um ou outro manancial por lá existente, surgirão outros, com interesses diferentes. Ao final, os índios vão acabar ficando com um pedaço muito pequeno — disse.

Por tudo isso, ele acha que a emancipação é uma questão equivocada, além de estar tendo "encaminhamento precipitado".

Criada em 1926, a reserva se estende por 1.415 quilômetros quadrados, mas só há 30 anos é que os índios receberam o título definitivo de proprietários da área, conforme registro no Cartório de Imóveis de Ibirama. E a proposta do DNOS — embora ainda não oficializada —, segundo Aurelio Remor, diretor da 11.ª Diretoria Regional do órgão, para resolver o problema da construção da barragem no local, é entregar aos índios uma área próxima de 800 hectares, em troca das terras que serão alagadas.